

Editorial

Dossiê Temático - Saberes em Movimento: Ciência, Cultura e Sociedade

Luís Carlos Albano Duarte Sousa

Doutorando em História
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Mailson Moreira dos Santos Gama

Doutorando em História
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A ciência não é um campo estático, tampouco um empreendimento homogêneo ou exclusivamente europeu. Ao contrário, constitui-se como prática social situada, atravessada por disputas, mediações, traduções e silenciamentos. Nesse sentido, a ciência não pode ser dissociada das estruturas sociais e políticas que a sustentam e a tensionam: ela é produzida em contextos marcados por relações de poder, projetos de sociedade e conflitos históricos que condicionam tanto suas agendas quanto seus critérios de legitimidade. É a partir dessa perspectiva que o dossiê *Saberes em Movimento: Ciência, Cultura e Sociedade* reúne um conjunto de pesquisas que investigam, em chave histórica, as múltiplas formas de produção, circulação, apropriação e contestação dos saberes científicos e técnicos em distintos contextos sociais e culturais.

Vinculado à linha de *Ciência e Cultura na História* do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, o presente número parte do reconhecimento de que o conhecimento científico emerge de interações complexas entre agentes, instituições, territórios e regimes de poder. Ao deslocar o olhar da ciência como narrativa linear de progresso para compreendê-la como prática situada, os trabalhos aqui reunidos evidenciam as tensões constitutivas dos processos de construção do saber, especialmente quando observados a partir de perspectivas coloniais, indígenas e racializadas.

O dossiê se organiza em torno de cinco eixos interpretativos que articulam ciência, poder e circulação de saberes ao longo do tempo. Os artigos que abrem a edição situam o leitor no contexto das disputas imperiais e das múltiplas formas de interação entre populações indígenas e agentes europeus no espaço americano entre os séculos XVI e XIX, evidenciando tanto os processos de

violência quanto as dinâmicas de circulação, mediação e apropriação de saberes. Demonstram, assim, como a produção do conhecimento científico esteve intrinsecamente ligada à agência de povos indígenas. Ao problematizar os processos de apropriação e silenciamento de saberes locais, seja nas demarcações luso-espanholas e franco-portuguesas, seja nos registros de viajantes e nas práticas cotidianas, esses estudos reafirmam a centralidade dos sujeitos historicamente marginalizados na constituição da ciência moderna e na circulação de conhecimentos no mundo atlântico.

Em seguida, o dossiê desloca-se para o século XIX, examinando a consolidação de instituições científicas no Império brasileiro. Observatórios, conservatórios e sociedades técnicas são analisados como espaços de acumulação e legitimação do saber, revelando os vínculos entre ciência, Estado, indústria e projetos de modernização. Nesse movimento, evidencia-se que a institucionalização do conhecimento não apenas organiza práticas científicas, mas também delimita hierarquias e assimetrias sociais.

O núcleo dedicado à medicina e ao higienismo amplia essa discussão ao demonstrar como os saberes médicos atuaram como instrumentos de normatização social, disciplinamento moral e intervenção urbana. Ao abordar desde debates sobre enterramentos públicos até a patologização de corpos femininos e as disputas em torno do curandeirismo, os artigos revelam as múltiplas formas pelas quais a ciência médica operou como tecnologia de poder, produzindo hierarquias, regulando corpos e redefinindo os limites entre normalidade e desvio.

O percurso crítico do dossiê aprofunda-se ao tratar das dimensões raciais e epistemológicas da produção do conhecimento. A análise de representações museológicas da ciência, bem como o estudo do ofuscamento de intelectuais negros no campo acadêmico, tensiona os regimes de visibilidade e reconhecimento que estruturam o campo científico. Esses trabalhos convidam à reflexão sobre o racismo epistêmico e sobre a necessidade de políticas de citação, memória e representação que ampliem o horizonte historiográfico.

A edição também contempla investigações sobre cultura material, representações midiáticas, religiosidade, moda e patrimônio industrial, evidenciando como os saberes circulam por meio de objetos, imagens, narrativas e espaços urbanos. Ao incorporar análises sobre documentários, movimentos sociais e disputas contemporâneas em torno do estatuto da ciência, o dossiê reafirma a vitalidade do debate sobre ciência, cultura e legitimidade no tempo presente.

Assim, *Saberes em Movimento* propõe uma leitura da ciência como campo dinâmico e relacional, atravessado por conflitos, negociações e reinterpretções contínuas. Mais do que reunir estudos sobre instituições ou personagens, este número busca contribuir para uma historiografia crítica e plural, atenta à diversidade epistêmica e às múltiplas escalas de circulação do conhecimento. Ao colocar em diálogo diferentes temporalidades, espaços e abordagens metodológicas, o dossiê reafirma o compromisso da Revista Temporalidades com a promoção de debates que ampliem os horizontes da História da Ciência e da Cultura, fortalecendo perspectivas que reconheçam a ciência como prática histórica em permanente movimento.

A capa, concebida em estilo minimalista, apresenta fundo liso, elementos gráficos centralizados e textos dispostos ao redor da composição. As imagens selecionadas remetem aos núcleos temáticos que estruturam esta edição. No que se refere aos saberes indígenas, destaca-se a representação de um muiraquitã proveniente da região das estearias maranhenses, inserido em um contexto de circulação de saberes (Navarro *et al.*, 2017). A imagem recortada da luneta do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, evoca o processo de institucionalização científica no Brasil Império (Granato; Brito; Suzuki, 2005). O eixo dedicado à medicina e ao higienismo é ilustrado por uma fotografia do documentário *Homo Sapiens 1900*, dirigido pelo cineasta sueco Peter Cohen. As discussões sobre raça e racismo são simbolizadas pela fachada do Museu Afro Brasil, em São Paulo. Elementos religiosos presentes em azulejos remetem ao debate sobre patrimônio cultural. Por fim, a placa descritiva do Gabinete de Curiosidades de Ole Worm sintetiza o eixo articulador da edição, que examina as relações entre ciência, poder e circulação de saberes em diferentes espaços e temporalidades.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura, esperando que os debates aqui apresentados contribuam para o aprofundamento das reflexões sobre ciência, cultura e sociedade em suas múltiplas dimensões históricas.

Referências bibliográficas:

GRANATO, M.; BRITO, J. D. DE; SUZUKI, C. Restauração do pavilhão, cúpula metálica e luneta equatorial de 32 cm: conjunto arquitetônico do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 13, n. 1, p. 273–311, jan. 2005.

NAVARRO, A. G. *et al.* O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 869–894, set. 2017.